

GRAUS DE MOTIVAÇÃO E TOPONÍMIA MARANHENSE

Maria Célia Dias de CASTRO⁸

RESUMO

Os estudos sobre a motivação são bastante remotos. Mais recentemente, há a noção proposta por Saussure (1916) que assegura que não existe língua em que nada seja imotivado, assim como não existe língua em que tudo seja motivado. A motivação, para Guiraud (1986), é um dos caracteres fundamentais da palavra, e está dividida em duas classificações: interna, quando tem a fonte dentro do sistema linguístico, como a motivação morfológica *banana > bananeira*; e externa, quando tem como fonte uma relação entre a coisa significada e a forma linguística: fazenda *Brejo da Onça*. Segundo Biderman (1998), nomear é utilizar palavras para designar os referentes extralinguísticos, atividade essa resultante de um processo de categorização específico do homem. Neves (2004) afirma que há relação entre as categorias linguísticas e as categorias cognitivas, do que decorre uma relação indicial, icônica ou simbólica mediando esses sistemas. Na análise do trabalho de Castro (2012), Solís Fonseca (2012) afirma que ali aparece claramente uma noção de gradação da motivação. Com base nesses pressupostos, este trabalho visa discutir sobre graus de motivação na nomeação dos lugares maranhenses; propomos um princípio de regularidade bastante motivado com graus de motivação para os topônimos, em que essa motivação tem a ver com relações de semelhança, contiguidade e relações simbólicas. A metodologia parte da análise semântica de topônimos maranhenses e tenta perceber essa gradação. Os resultados demonstram que os topônimos representam prototipicamente diferentes esses graus de motivação e que sua grande variedade de classes reflete a complexidade conceptual desse conjunto de nomes próprios.

PALAVRAS-CHAVE: Graus de Motivação; Escolha; Toponímia Maranhense.

Introdução

⁸ CASTRO, Maria Célia Dias de. Professora da UEMA, Centro de Estudos Superiores de Balsas, Departamento de Letras. Endereço: Rua Bernardino Castro, 98, Flora Rica, CEP.: 65.800-000, Balsas-MA, Brasil. E-mail: celialeitecastro@hotmail.com.

Uma pesquisa sobre os topônimos maranhenses (Castro, 2012) possibilitou um contato direto com os nomes, com os próprios lugares pesquisados e com os informantes colaboradores, detentores estes de maior conhecimento linguístico-cultural sobre estes lugares, já que neles habitavam. No informe sobre essa pesquisa, Solís Fonseca (2012) observa a respeito da arbitrariedade ou não, do grau de arbitrariedade ou de não arbitrariedade, que “é uma discussão levantada na tese, que reconhecemos de bastante importância conceptual, pois em primeiro lugar se enfrenta uma questão básica na caracterização dos signos linguísticos tal como o estipula Saussure” (Solís Fonseca, 2012: 2). Assim, ao discorrer sobre a natureza dos topônimos maranhenses, passou-se a observar mais atentamente o processo *sui generis* da motivação no processo denominador dos lugares, com base nos aspectos morfossemânticos dos topônimos e nas informações obtidas pelos informantes. Ainda assim, muitos questionamentos permaneciam sem resposta: O que subjaz linguisticamente a esse processo na motivação dos nomes? Em que estágio do *continuum* na dinâmica da evolução do nome a transparência se revela? Se os topônimos maranhenses possuem, em sua maioria, significação transparente, até que ponto ocorre uma gradação da motivação?

Nesse sentido, o foco principal de discussão recai não exatamente sobre a natureza do signo toponímico, se arbitrário⁹ ou não, mas sobre o grau de motivação que envolve a escolha desses nomes. Para responder a esses questionamentos procurou-se primeiramente entender a correlação palavra-signo e nomes próprios. Em seguida, discutimos a natureza dos topônimos, a motivação e toponímia e as inter-relações das motivações com os icônimos. Discutimos os graus de motivação com base nos postulados de Saussure para, finalmente, apresentamos as considerações finais.

1 Palavra, signo, nome próprio

A palavra possui caráter multifuncional e dentre todas as suas funções, as mais básicas são a cognitiva e a comunicativa. A cognitiva, tendo em vista que por meio dela o homem pode conceituar, medir, apreciar, identificar, analisar, enfim, classificar as

9 A questão da caracterização do signo linguístico como arbitrário ou não, do grau de arbitrariedade, é uma questão já discutida em Castro (2012), em que reconhecemos a motivação como princípio conceptual fundante, na escolha dos topônimos.

coisas do mundo. A outra função seminal da palavra é a de comunicar. Por meio da função comunicativa da palavra o homem pode afirmar, questionar, explicar, mentir, apontar, referir entre tantas ações que ela que possibilita.

A categoria mais relevante que possui a palavra é a que a define como signo linguístico. Este, por sua vez, também possui uma dupla função, primeiramente, a *cognitiva*, que torna possível individuar, classificar, reassumir e evocar o referente que é designado pelo signo; a outra função é a *comunicativa*, que o classifica enquanto natureza fônica e silábica (Alinei, 2009), no ato de interação verbal.

Biderman (1998: 88) afirma que “é a partir da *palavra* que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem”. Segundo essa autora, esse é um ato, específico da espécie humana, resultante do processo de categorização, em que “entende-se por categorização a classificação de objetos feita por um sujeito humano, resultando numa única resposta a uma determinada categoria de estímulos do meio ambiente” (1998: 88).

Outra categoria da palavra é a sua classificação como nome, em que este resulta do processo de lexicalização. O nome é a categoria linguística por meio da qual se designa uma classe de seres: coisas, pessoas, animais, um lugar, um acidente geográfico, entre outros seres. Os nomes próprios, entendidos como ‘etiqueta’, são signos cuja função principal é designar e identificar individualmente seres de existência real ou não. No processo de lexicalização desses nomes, a saber, no momento da gênese por meio das escolhas paradigmáticas, são ressaltados traços representativos salientes percebidos pelos indivíduos e pela comunidade denominadora. Dentre as categorias de nome, os nomes próprios são aqueles que referem não uma classe de coisas, de pessoas, de animais, mas os que nomeiam/designam e identificam um objeto específico, seja uma pessoa, uma entidade geográfica, uma instituição, e o individualiza exatamente por meio desse nome. A característica principal desse conjunto de nomes é a de individualização dos respectivos referentes do mundo (real ou imaginário) que são representados no ato comunicativo de evocação. É para isso que os utentes da língua usam esses nomes. A relação entre o nome próprio e a coisa referida, que podem ser os seres humanos, os lugares, atribui a esses caráter identitário exatamente pelo fato de o nome ser identificado como próprio daquilo a que ou a quem refere. Na denominação dos lugares, os topônimos individualizam esses lugares, representam-nos, identificam-nos, tornam-se próprios desses lugares.

2 Os topônimos

No Gênesis, o ato posterior ou mesmo concomitante ao da criação do mundo é o da nomeação das coisas que o compõem, e a motivação implícita para esse ato é a significação/identificação necessária dessas coisas para que o homem possa interagir com elas. Obviamente que não são os nomes que fazem gerar as coisas, mas que melhor as tornam conhecidas, evocadas, referidas, identificadas e também dominadas, que lhes dão maior visibilidade. Sem o nome, os seres (pessoas, lugares, instituições) parecem opacos. Da utilização do nome para representar esses seres decorre a denominação ou designação. O nome é, pois, uma designação linguístico-material que se atribui ao referente (objeto, pessoa, lugar), no intuito de situá-lo no mundo extralinguístico, de dar-lhe vida por meio da conceituação linguística, tendo em vista que aquilo que não possui nome pode passar despercebido por não se efetuar diretamente a sua evocação.

O ato de nomeação é também um ato de classificação dos referentes e “a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo” (Biderman, 1998: 91). Tão importante quanto essa afirmação, é o fato de que o ato denominador proporciona ao indivíduo que se aproprie do real, isto é, ele denomina e domina, simultaneamente.

Segundo Biderman (1998), nomear é utilizar as palavras para designar os referentes extralinguísticos, atividade essa resultante de um processo de categorização e específica do ser humano. Essa autora considera como processo cognitivo primário a formação de conceitos e como processo cognitivo secundário a nomeação (designação), posicionamento com o qual concordamos, posto que defendemos que, para além de os topônimos identificarem seus referentes, como também os significarem, essa identificação e significação expressas na forma do nome partem da realidade física ou dos estados de coisas que compõem a realidade dos denominadores. Nomear é, portanto, um procedimento de escolha que individualiza, identifica um indivíduo, uma coisa ou lugar, assim como os identifica como pertencentes a uma classe. Muito além disso, nomear é um ato motivado de criação linguística que ocorre como uma força transformadora e recriadora de forma que os utentes da língua possam interagir com mais praticidade com os seres denominados. Por meio desses termos denominadores também são indicados os caminhos, os espaços e os horizontes. O meio ambiente ressurgue ao ter acionada a sua existência, através do ato evocatório, pelo nome.

Uma categoria de nomes próprios, a dos topônimos, é fundamental no processo interativo homem-língua-meio por identificarem particularmente as entidades geográficas em e com que convivem os utentes da língua. Ou, como afirma Solís Fonseca (1997: 22) “um nome toponímico é um meio de que se utiliza o homem para humanizar a paisagem como parte de sua relação com seu ambiente geográfico. Pôr nomes faz parte de um processo, o de introduzir uma ordem humana na paisagem”. Esses nomes próprios fazem parte do índice léxico de que se utiliza o homem para possibilitar especificação, identificação e situacionalização dele com o meio ambiente em que vive e compartilha com seus pares. Esse valor atribuído aos nomes próprios vem do papel fundacional que eles exercem como nomes de orientação e de referência no contexto de interação histórico-existencial. Nomear os lugares é, pois, um ato de categorização, um comportamento gerador de termos linguísticos, dos topônimos, os quais comprovam a existência de entidades no mundo que por esses nomes são legitimadas, e cujo processo vai além da identificação e da referenciação, posto que esse ato acrescenta valores atributivos significativos que classificam os lugares. Nesse sentido, Dick (1992) afirma que topônimos e antropônimos, além de uma função identificadora, portam, em sua estrutura imanente, uma significação precisa. Assim, os topônimos formam um conjunto de nomes influenciados por diversos fatores tais como: meio ambiente físico ou natural, ambiente mental e social (Couto, 2007), e geralmente portam um significado transparente. Estes são de importância fundamental por revelarem maior diversidade de motivação.

Vale ressaltar que o ato denominador dos lugares se efetua de forma individual e coletiva. Individual, por primeiramente passar por um processo de escolha que tem como base as concepções do indivíduo. Coletivamente, por essa escolha submeter-se ao critério de aceitação, de legitimação pelas pessoas da comunidade de fala, o que pode ser comparado com o que Saussure chamou de contrato social. Esta bivalência é uma das condições necessárias para que esse nome realmente seja institucionalizado.

Além disso, os topônimos são termos que significam um conceito e este, por sua vez, significa uma coisa. O nome tem uma referência, um sentido, mas não somente, pois o conceito do nome não existe pela simples relação entre a palavra e a coisa representada. É necessária a compreensão da relação entre a palavra e a coisa referida e deve-se acrescentar que o mundo conceptual dos usuários da língua interfere na modulação desses conceitos. O modo como os falantes fazem emergir e compreendem a língua é um processo de intervenção desses usuários influenciado não somente pelos

fatos objetivos, ou da psicologia humana, mas da vida físico-ambiental, sociocultural e histórica que permeia seu cotidiano e que faz com que o surgimento desses nomes seja considerado como motivado e não arbitrário. Por trás dos nomes, há um sujeito e uma coletividade com todas as suas concepções formadas a interferirem nessa linguagem. Assim, os topônimos são gerados pelo homem para servi-lo em suas interações.

Os topônimos não são considerados apenas um signo, *a priori*, de forma isolada, mas num conjunto de valores que os caracterizam e que os definem com as funções a que eles se propõem: referir, identificar, situar “um” lugar ou acidente geográfico. Eles compõem verbalmente um mapa que refere determinada superfície geográfica e a insere como referência de mundo. São exemplos singulares de quão forte se dá o processo da nomeação/designação, inclusive portando na própria forma características significativas para a comunidade linguística do objeto nomeado. Assim, esse processo denominativo tem como base cognitiva fundante a motivação.

3. Motivação e toponímia

O topônimo, apesar de ser uma forma de língua animada por uma substância de conteúdo como qualquer outro elemento da língua, a partir do momento em que passa a ter essa forma acionada com essa funcionalidade, o termo que era arbitrário passa a ser essencialmente motivado, sendo esta uma das principais características deste termo (Dick, 1992). Essa autora lembra o duplo aspecto da motivação toponímica em dois momentos, primeiro, na intencionalidade do denominador, que aciona este ato num processo seletivo de escolha do nome para um acidente geográfico. Em seguida, na própria origem semântica do nome, com um significado transparente ou opaco. Depreende-se, dessa afirmação, que o conjunto do léxico disponível para a escolha e seleção denominativa, portanto, o conjunto paradigmático desses termos, encontra-se, nesse estágio de preconcepção, em que não houve uma associação do signo com uma função toponímica, com função de signo arbitrário. Temos, assim, a seguinte disposição do estágio evolutivo desses termos:



Ilustração 1: *Continuum* da dinâmica do nome (topônimo)

Esse *continuum* representa a dinâmica por que passa o nome: a motivação aciona o termo do conjunto paradigmático, que faz gerar o nome, o uso desse nome e a consequência desse ato resulta na convencionalidade. O acionamento do termo disponível altera esse estatuto do signo com a ativação da correspondência entre os elementos significante, significado, referente e icônimo¹⁰, pelo utente da língua. Vale lembrar que essas lexias disponíveis no conjunto paradigmático têm caráter arbitrário até o momento em que são acionadas. A motivação ocorre acionando os conceitos físicos, sociais, históricos e culturais que envolvem o usuário da língua e sua comunidade linguística, como também os atributos descritivos que possuem os lugares, numa relação que envolve o usuário da comunidade linguística, o lugar e o nome. O acionamento dos conceitos do usuário e de sua comunidade linguística e dos atributos dos lugares e ou dos que com estes mantêm estreita relação e que, portanto, podem perceber esses sentidos para os nomes, é que constitui a motivação. Ocorre também que “o denominador utiliza uma lexia disponível em seu léxico virtual e a atualiza, muitas vezes em um primeiro momento, como lexema, isto é: não há intencionalidade real de denominação, apenas o nome surge num contexto enunciativo oral-discursivo” (Carvalhinhos, 2002-2003: 174), para o que essa autora cita como muito ocorreu nos relatos de viagens. Castro compreende a motivação da seguinte forma:

Como determinadas reações causadas no indivíduo tanto pelo mundo exterior, as impressões do meio, como as causadas pelo mundo interior, os estados d’alma, que fazem com que esse indivíduo tome determinadas atitudes, como por exemplo, escolher nomes (Castro, 2012: 80).

Uma das formas de demonstrar a motivação é retratar essas impressões do mundo interior ou os estados d’alma a partir da percepção dos referentes. Izquierdo (2012) apresenta uma subclassificação dos animotopônimos - classificação esta cunhada por Dick (1992) - relacionada à vida psíquica, à cultura espiritual, aos estados d’alma, como eufóricos, aqueles que representam impressão agradável, perspectivas otimistas,

10 Nos termos de Alinei (2009: 65) “termo apolológica que funde *ícone* ‘imagem’ e *-onoma* ‘nome’, isto é, ‘nome-ícone’, ‘nome que por meio da própria reciclagem representa diretamente o novo referente conceitual’”. Reciclagem, na visão desse autor, consiste na reutilização de um lexema pré-existente, portanto também já conhecido, para designar um significado novo.

boa disposição de ânimo; e disfóricos, os de impressão desagradável, pessimista, com perspectivas de temeridade.

Segundo Alinei (2009), o signo é motivado no momento de sua criação pelas características distintivas do referente, as quais são individualizadas e ressaltadas, motivando o nome apostro a esse referente. Esse autor resalta que Saussure percebeu a motivação primeiramente como um aspecto acidental do signo, que poderia ou não ocorrer, dependendo da natureza desse signo, sem perceber seu papel imanente, fundamental na gênese do léxico.

No ato da nomeação, o indivíduo denominador, por meio do motivo, aciona o signo, interligando-o à emissão linguística, o topônimo, e à realidade, o referente. A motivação é acionada e aciona as lexias - neste estudo, os nomes - a partir de uma compreensão cultural específica desse sujeito denominador em uma situação sociohistórica dada.

Guiraud (1986) faz duas grandes classificações para a motivação: interna, quando tem a fonte dentro do sistema linguístico; e externa, quando tem como fonte uma relação entre a coisa significada e a forma linguística. Portanto, os nomes nos possibilitam fazer referência às coisas do mundo e ou aos estados de coisas do mundo; e a realidade conceptual que liga os dois eixos, a questão linguística, o topônimo, e seu referente é a motivação.

Os questionamentos sobre a significação dos nomes ressaltam o estatuto do topônimo como resultante de um ato de gênese lexical em virtude de uma das funções básicas da linguagem, a de interação do homem com o meio ambiente, como propõe Couto (2007). Assim, o povoamento de um território implica também esse ato de gênese com motivos específicos pertinentes a esse evento, fonte por meio da qual as origens de línguas se revelam, portanto, seus aspectos culturais, sua história, sua cultura e os aspectos cognitivos que determina(ram) essas escolhas. Solís Fonseca resalta a importância da motivação na toponímia:

La motivación es a su vez un concepto importante en la teoría toponímica, y ha sido desarrollada conceptualmente en esta tesis [Castro, 2012] cuando se señala que el motivo hace que la toponimia o los topónimos sean signos lingüísticos no arbitrarios, a diferencia de la concepción de Saussure, para quien lo signos lingüísticos son arbitrarios.

[...]

El proceso de escoger un nombre toponímico, que ocurre en una encrucijada histórica precisa, implica el lugar, la circunstancia y la experiencia del

nominador toponímico que assume um motivo para relacionar uma entidade de la geografía con una emisión lingüística específica. Se trata de un evento cognitivo en una circunstancia precisa, que identifica o genera un motivo que resulta el apropiado para un lugar determinado (Solís Fonseca, 2012: 7).

Ele afirma que o processo de escolher nomes ocorre numa encruzilhada histórica precisa, com elementos como o lugar, a circunstância e a experiência do denominador ao assumir um motivo para relacionar o acidente geográfico à lexia. Nesse sentido, pode-se afirmar que nomear também é um ato linguístico fundador para os referentes, os acidentes físicos e geográficos.

Guiraud assegura que usamos de forma motivada grande parte das palavras, e que, para esse emprego, fazemo-lo de forma relativamente consciente. Ele acrescenta que “qualquer nova criação verbal é necessariamente motivada; toda palavra é sempre motivada em sua origem, e ela conserva tal motivação, por maior ou menor tempo, segundo os casos, até o momento em que acaba por cair no arbitrário, quando a motivação deixa de ser percebida” (Guiraud, 1986: 28). A motivação, para esse autor, é um dos caracteres fundamentais da palavra, e está dividida em motivação externa, “quando ela repousa sobre uma relação entre a coisa significada e a forma significante, fora do sistema linguístico” (1986: 29). Essa motivação pode ser fonética, direta e natural, como as onomatopeias, e metassêmica, em que a significação é substituída, como na metáfora. Segundo esta classificação, a metáfora que designa um peixe, *loup* (lobo) tem uma forma-significante primária, a do mamífero, cujo significado constitui outra forma, um significante secundário, com um segundo significado, o do peixe. A motivação é interna, “quando tem sua fonte no interior do sistema linguístico” (1986: 30), como a motivação morfológica *banana* > *bananeira*. No entanto, ele ressalta que a perda de motivação ou desmotivação é necessária em proveito das alterações de sentido.

Em parte significativa dos topônimos, principalmente os de origem indígena, os elementos componentes da motivação deixam de ser percebidos, tornando-se opacos com a convencionalização do uso. Ocorre, nesses casos, a cristalização semântica e o significado dos nomes torna-se opaco. Nomes como *Icatu*, *Arari*, *Cururupu*, *Araioses* ilustram o fato da opacidade nos topônimos pela falta da compreensão do significado deles sem uma pesquisa etimológica e conhecimento da história do lugar.

Benveniste (2005) contesta o princípio da arbitrariedade, como proposto por Saussure, que exclui a realidade, a coisa, na constituição do signo linguístico, que nega a ligação natural do significado com a realidade, e propõe-na como um terceiro termo

para o signo. Esse autor afirma que “o signo, elemento primordial do sistema linguístico, encerra um significante e um significado cuja ligação deve ser reconhecida como necessária, sendo esses dois correspondentes consubstanciais um com o outro.” (Benveniste, 2005: 59). Essa postura é justificada pela estreita simbiose entre o conceito de um nome (boi) e a imagem acústica desse conceito /boi/, o que delimita a zona de arbitrariedade, em que um signo e não outro é que se aplica à realidade (boi). Resulta, nesse sentido, que a arbitrariedade não interviria na constituição do signo.

Entendemos, com base nesses estudos e como nos propõe Neves (2004), que há relação entre a categoria linguística, neste estudo, a classe de topônimos, e as categorias cognitivas, em que uma relação motivacional media esses sistemas.

4. Enlaces motivacionais e icônimo

A motivação diz respeito ao processo de gênese léxica com base no material linguístico pré-existente. Já o termo “icônico”, ainda no processo de gênese, refere-se a termos como réplica, similaridade, semelhança, enquanto índice/contiguidade refere-se a inter-relações materiais/factuais de proximidade entre os signos e os seres da realidade. Como consequência desses fenômenos, ocorrem os enlaces não arbitrários entre o significante e o significado “de tal maneira que se pode falar de uma criação de significado, associado a uma palavra já existente [...] ou de uma ressemantificação ou interpretação do vínculo entre significante e significado, na etimologia popular”, conforme Báez, Cabeza e Massone (apud Silva; Torres; Gonçalves, 2004: 571). Esses autores esclarecem que há iconicidade quando se está referindo a um princípio estruturador da linguagem, a iconicidade pertence à linguagem. O termo “motivação” refere-se às associações que se produzem dentro da língua que constituem processos de extensão do significado, a pista ou impressão sensível que permite ao sujeito falante o processo de nomear, a relação entre a realidade e a percepção; seria, portanto, a associação, por similaridade ou por contiguidade, que estabelece o falante entre os signos e a realidade.

A iconicidade ou motivação icônica é, conforme Neves (2004: 103), “um princípio pelo qual se considera que existe uma relação não-arbitrária entre forma e função, ou entre código e mensagem, na linguagem humana”. Esta mesma asserção

aplica-se à iconicidade entendida no sentido amplo de associação motivada, que também pode ser do tipo indicial.

O conjunto dos nomes próprios de lugares representa especialmente essa motivação ampla; e, com sua variedade de classes, reflete, por conseguinte, a complexidade conceptual em suas formas, ao representarem o meio geográfico.

A condição inerente de gênese dos topônimos como motivação icônico-indicial ressalta outras propriedades dessa motivação. Dentre elas, devem ser considerados os aspectos de espacialidade, indicando espaço, lugar em que se encontra um acidente físico ou humano; temporalidade, aspectos dos termos lexicais que expressam paradoxalmente a ideia de tempo limitado, que dura só algum tempo, daquilo que é temporâneo; identidade, caráter de geração a partir de um eu; e alteridade, nomes que se constituem através de relações de um eu com um outro. Todas estas propriedades estão intrínsecas na motivação dos topônimos.

Iconímia, na perspectiva de Alinei (2009), é o fenômeno e o processo de gênese do lexema, ou seja, a lexicalização, determinada por um termo já existente, o icônimo. O icônimo, segundo esse autor, elemento fundamental para a gênese do lexema, é o terceiro elemento do signo lexical no que diz respeito à dicotomia significante/significado, de Saussure, e quarto elemento no que diz respeito ao triângulo de Ogden e Richard, junto à forma/significado/referente. É um nome pré-existente do qual resulta um novo nome, agora para referir outro objeto. “A função do icônimo, na lexicalização, prescinde completamente da distinção entre nome, verbo e outras partes do discurso, mas é característica do lexema como expressão abreviada de uma unidade conceitual e cognitiva” (Alinei, 2009: 83). Esse elemento pode tornar-se opaco ou transparente. Opaco, tanto por causa das mudanças fonéticas quanto das mudanças culturais e semânticas, que o tornam irreconhecível; ou ainda, pode manter-se inalterado, transparente¹¹. Na linguística histórica tradicional, raramente foi identificado, e em tais casos foi chamado motivação. O icônimo, portanto, representa uma realidade de mundo.

Para Alinei (2009: 64), a motivação não é um aspecto permanente da natureza do signo, mas um tipo de cordão umbilical, um instrumento representativo e comunicativo, transitório: “A motivação é o umbigo da palavra”. Esse autor, baseado

¹¹ Em Bréal (2008), aparecem os termos “transparente” e “turvo”, respectivamente com esse sentido. Em Ullman (1964), em vez de turvo” aparece o termo “opaco”, conforme atualmente utilizado nos estudos toponímicos.

nos estudos de Sausurre e especificamente de Ogden e Richard, no que se refere à figura que segue, reconstitui a natureza da gênese do signo por meio de um quadrângulo.

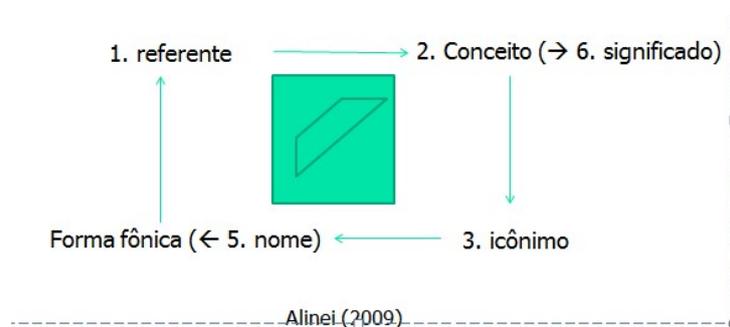


Ilustração 2: Quadrângulo Iconímico: estrutura da gênese do signo
Fonte: Alinei (2009: 89).

A concepção simplificada de signo, composto pela dicotomia significante/significado, foi exposta a uma maior complexidade com o formato triádico que insere o referente, por meio do qual são observados atributos da realidade denominada e inferidas as respectivas inter-relações. Alinei (2009) acrescenta a esta estrutura um terceiro elemento, o icônimo, termo primário representante de uma realidade já existente que ajuda a formar um novo nome. Ele esquematiza o percurso seguido pelo falante de um ângulo a outro e, depois, transversalmente: primeiramente, com base no universo cognitivo, o falante foca no novo *referente* que pretende lexicalizar; para isso, escolhe entre o campo sintagmático ou paradigmático de seu *conceito* do referente o *icônimo* que lhe parece mais adequado a representá-lo; a partir de então, a *forma fônica* antiga (o nome antigo) do icônimo resulta no *nome* do novo referente, enquanto o *conceito* de *referente*, do qual surgiu o processo, se transforma no *significado* da nova palavra. Esse autor classifica os diversos tipos de iconímia: primeiramente, por meio da escolha paradigmática ou associativa: i) tipo onomatopaico (*tic tac*); ii) tipo fonossimbólico (*mama, pipi*): sons associados inconscientemente ao referente; iii) metafórico: associação lexical {luna} para designar os *óculos*. O segundo tipo de escolha é a sintagmática ou definitória e descritiva, do tipo metonímico, como por exemplo {occhio} para designar *óculos*. A correspondência mais básica e imanente do signo em função toponímica, intermediada pelo utente da língua entre significante, significado, referente e icônimo, é a metonímica.

O termo *iconímia* é usado por Alinei como uma nova convenção para o termo conhecido tradicionalmente na linguística como *motivação*, por este ser, como ele

próprio cita, “de fato muito carregado de outros sentidos por poder designar todos os complexos daquilo que se revela ora como objeto”.

Compreendia a noção de iconímia ou motivação em Alinei (2009), assumimos que essa se caracteriza melhor na toponímia maranhense com uma diferenciação de graus, visto que no estatuto desses nomes uma de suas fortes características é exatamente esse *status* de diferenciação.

5. Graus de motivação: revisitação a saussure

Após depreendermos a noção de motivação em Alinei, retomemo-la no texto de Saussure, pela concepção deste autor de gradação da não arbitrariedade. Esse conceito torna-se inicialmente importante, na teoria dos nomes, cuja análise permite a identificação de casos em que os nomes podem ser relativamente não arbitrários ao aparecerem em uma gradação de arbitrariedade relativa, isto é, podem expressar-se em um nível de motivação regular e/ou altamente motivados. Isso implica que aqueles que são relativamente arbitrários tendem a ser mais motivados.

No entanto, Saussure pondera essas colocações e classifica o signo como “arbitrário absoluto”, aquele que não possui nenhuma motivação; e “arbitrário relativo”, aquele que é “relativamente motivado”, ou seja, tem como característica não ser jamais completamente arbitrário. Os “radicalmente arbitrários” são “apenas uma parte dos signos”. Neste caso, ou o significante é escolhido livremente pelo nomeador, ou o icônimo tornou-se irreconhecível. Os signos classificados como apenas relativamente arbitrários podem, de certa forma, ser motivados. O autor ilustra este fato linguístico com os numerais *vinte*, apresentado como imotivado (arbitrário absoluto) e *dezenove*, como relativamente motivado, que evoca uma associação de termos como *dez*, *nove*, *vinte e nove*, *dezoito etc.*. Outro exemplo citado como de motivação relativa é *pereira*, que leva a pensar em *cerejeira*, *macieira* e outros. Nessa apresentação, ele justifica não ser “esta a ocasião de averiguar os fatores que condicionam, em cada caso, a motivação; mas esta é sempre tanto mais completa, quanto a análise sintagmática seja mais fácil e o sentido das subunidades mais evidente” (1995 [1916]: 153); e informa que “mesmo nos casos mais favoráveis, a motivação não é nunca absoluta” (1995 [1916]: 133).

Para justificar o fenômeno da “motivação relativa”, são observados os seguintes princípios de análise: a análise do termo dado, com suas respectivas relações sintagmáticas; a evocação de um ou vários termos, com suas respectivas relações associativas, ou seja, “o mecanismo em virtude do qual um termo qualquer se presta à expressão de uma ideia” (Saussure, 1995 [1916]: 153), em que fica clara a existência da solidariedade dos termos (de ordem associativa, sintagmática) para expressar significativamente a ideia que a eles se vinculam. Em *dezenove* há uma aproximação associativa solidária de *dezoito*, *dezesete*, *vinte*, *vinte e um* (outras formas disponíveis surgem ao redor do signo para escolha de seus utentes, os termos que o rodeiam na cadeia falada) e uma aproximação sintagmática solidária de seus elementos *dez* e *nove* (as partes sucessivas que o compõem só têm valor pela sua ação recíproca que forma o todo). Justificando ainda acerca do signo “relativamente motivado”, esse autor afirma:

com efeito, todo o sistema da língua repousa no princípio irracional da arbitrariedade do signo que, aplicado sem restrições, conduziria à complicação suprema, o espírito, porém, logra introduzir um princípio de ordem e de regularidade em certas partes da massa dos signos, e esse é o papel do relativamente motivado (Saussure, 1995 [1916]: 154).

A esse respeito, Saussure explica que a maior parte do sistema linguístico porta consigo a estrutura que recebeu da natureza, mecanismo de reconstrução do sistema que revela uma diminuição ou atenuação das estruturas arbitrárias.

Para analisar a natureza dos topônimos, a relação sintagmática e associativa dos elementos que os compõem também é observada. Por meio da solidariedade dos termos, formando um todo, é apreendida a ideia designativa e significativa que eles veiculam, ao representar os lugares.

Assumida a condição de gênese dos topônimos como motivada, caracterizamo-los numa gradação de motivação. Certamente, há signos que são arbitrários, assim também como há os que não o são. E nessa classificação estão os nomes próprios de lugares, cujo termo “próprio” aponta para uma especificidade muito peculiar nessa classificação, neste caso, a inter-relação nome-lugar-referente-icônimo com a interveniência do utente da língua, em que este tem consciência dessa inter-relação.

Determinados conjuntos de signos linguísticos são produzidos por relações indiciais e icônicas. Ocorre, pois, um princípio de ordem e de regularidade motivadas em diferentes graus, já que ela reflete a maneira como percebemos e vivenciamos essas experiências de mundo. No conjunto dos topônimos, estes representam essas

percepções, a captura e controle da realidade e a representam. E a gradatividade pode ser classificada tomando como base os parâmetros básicos pierceanos, ou seja, as inter-relações entre os signos e seus referentes: *indicial*, que expressa relação material factual, de contiguidade existencial entre o topônimo e seu referente, ocorrendo, nesta classificação, um alto grau de motivação conceptual, cujo mecanismo de escolha se dá de forma metonímica; *icônica*, em que há similaridades entre o significado transportado pelo topônimo e seu referente, isto é, semelhança entre o significado atual do signo e a forma do referente, ocorrendo também alto grau de motivação - porém menor do que na motivação indicial - cujo mecanismo de escolha se faz de forma metafórica; e *simbólica*, em que a motivação deixou de ser percebida, e o termo é usado de forma mais despreendida em relação ao icônimo e sem apreensão da inter-relação entre topônimo e referente atualizado.



Ilustração 4: Graus de motivação e iconicidade
Fonte: A autora

Nessa ilustração, os termos considerados altamente motivados são, portam, por um lado, relação indicial: *Balsas*; por outro, relação icônica: *Chapada das Mesas*.

Nessa vertente de análise, as reflexões de Biderman (1998) propõem a conceptualização como o processo cognitivo primário e a nomeação da realidade como processo cognitivo secundário, ambos constituindo a etapa científica inicial do espírito humano de conhecimento do universo. Uma continuidade desse processo conceptual dá-se com a classificação dos graus de motivação.

Retomando Saussure¹², ele afirma que o nível de motivação, alta ou baixa, pode ser observado desde um extremo de motivação que vai de débil à alta motivação.

Nesta pesquisa, para classificar os graus de motivação acionados pelos falantes, partimos dessa gradação saussureana e classificamos de “muito alta” para “alta”,

12 Saussure não teve a intenção de fazer um estudo classificatório sobre a motivação.

“relativa”, “baixa”, em vez de “débil”, e “nula”, conforme segue.

GRAUS DE MOTIVAÇÃO

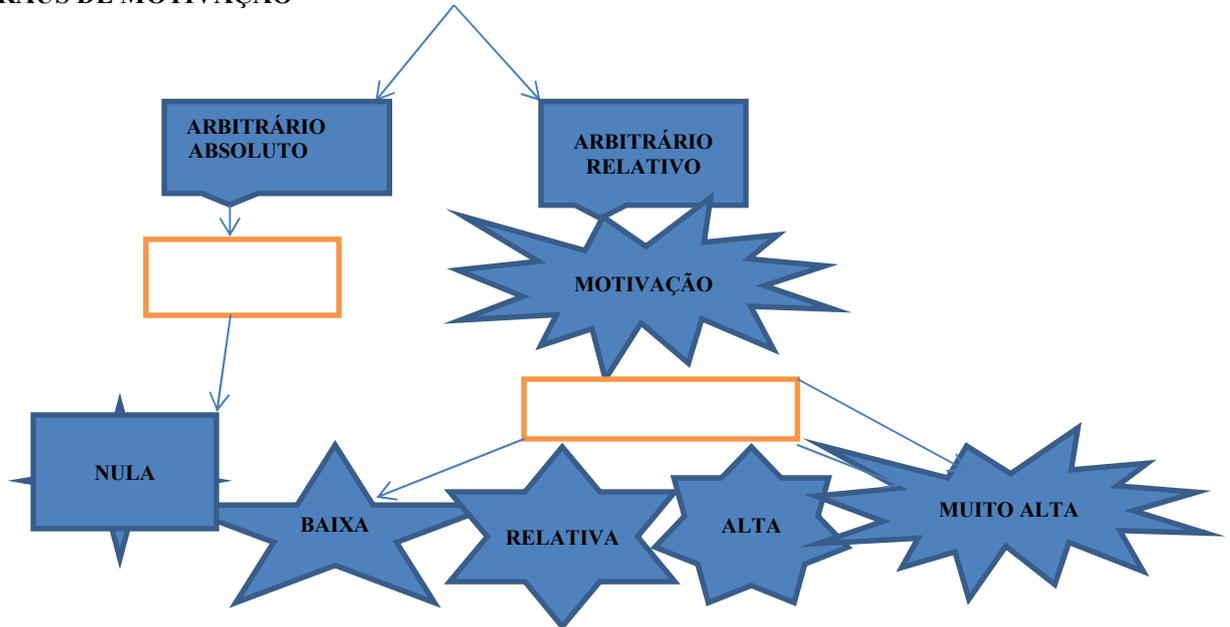


Ilustração 3: Graus de Motivação
Fonte: A autora, baseada em Saussure (1995 [1916]).

Esta classificação considera como ponto de partida o início do *continuum*, quando ocorre o processo de escolha, portanto, a gênese dos topônimos.

Motivação muito alta: processo de escolha em que o tipo de relação entre o nome, o significado, o referente e o icônimo - significante primário pré-existente que ajuda a formar o novo nome - é de contiguidade material e ou factual. O tipo de escolha é sintagmático, por conseguinte, pressupõe uma inter-relação mais estreita, mais profunda, mais evidente, e se dá de forma bastante recorrente no conjunto dos topônimos. O processo para a estruturação do pensamento e suscitamento do nome é acionado de forma intrinsecamente produtiva, em que um icônimo, por exemplo, {água}, dá origem a muitas extensões e faz surgir denominações dessa fonte comum como *Fazenda Água Doce*, *Fazenda Água Boa*, *Fazenda Água Branca*. Ocorre com frequência a denominação das terras, das passagens, das paragens, das fazendas, dos sítios, dos povoados, das vilas, das cidades e do Estado, em virtude do nome do rio ou do riacho que os banha: *Balsas* < *rio Balsas*, *Alto Parnaíba* < *rio Parnaíba*, *Riachão* < *riacho Frutuoso*. O icônimo {*rio Balsas*} ou {*riacho Frutuoso*} passa a gerar o novo nome do lugar, da cidade de *Balsas*, de *Riachão*. Esse processo ocorre, numa relação em que os topônimos são atribuídos às terras, com base na existência dos minerais que

nelas existem e nos respectivos qualificativos desses minerais, numa relação de contiguidade aproximativa do ecossistema homem-natureza-língua. Os minerais da terra também são representados em microtopônimos como *Fazenda Lapa* < {*lapa*}}, cujo icônimo significa ‘pedra’, os quais são a fonte para a denominação do lugar que comporta esse mineral; o nome do objeto ou entidade passa a ser atribuído à terra, em virtude das inferências dos denominadores, que associam as relações de pertencimento, de existência, em que uma coisa (hipônimo) pode tomar o lugar de outra (hiperônimo).

Este é o tipo de motivação que expressa as inter-relações mais básicas do processo de concepção dos topônimos, algum tipo de contiguidade espacial inter-relacionada material ou factualmente com o próprio referente, o lugar. Assim, a escolha de um topônimo pode implicar uma valorização dos aspectos naturais percebidos pelo homem, portanto, relacionados à própria sobrevivência.

Motivação alta: processo de escolha em que a relação estabelecida entre um termo fonte, o icônimo, a forma do nome, o significado e o referente é icônica *Chapadas das Mesas*, cachoeira *Dois Funis*, cachoeira *Pedra de Fogo*, *Cachoeira dos Pilões*, rio *Sereno*, rio *Salobro*, *Morro do Elefante*. Esses topônimos expressam relação de similaridade do referente, o acidente físico-geográfico, em relação a um termo fonte, o icônimo {*mesa*, *funil*, *pedra de fogo*, *pilão*, *serenidade*, *sal*, *elefante*}. A relação entre o referente denominado, o nome do acidente e o icônimo, termo fonte motivo da denominação, ocorre num processo de motivação alta. Os topônimos são convenientemente concebidos/escolhidos tendo em vista os atributos significativos “semelhança com uma mesa”, “estreitamento dos dois canais”, “pedras de fogo”, “cavidades redondas”, “águas serenas”, “sabor salgado” e “elefante” que não parecem eminentemente naturais para representarem os lugares, são nomes pré-existentes transferidos de entidade antes nomeada, o termo fonte ou icônimo, para denominar outra entidade (lugares, acidentes geográficos), o novo referente, com o termo alvo, neste caso, o topônimo. Os nomes *mesa*, *funis*, *pedra de fogo*, *pilões*, *elefante* e o qualificativo *sereno* ajudam na referência dos lugares e estabelecem uma comparação entre elementos (físicos-físicos, físicos-humanos). A escolha do topônimo implica uma valorização dos aspectos cognitivos do homem, relacionados ao processo mental de associação por semelhança.

Motivação relativa: processo de escolha em que ocorre um tipo de relação de contiguidade entre o nome, o referente e o icônimo. Intrinsecamente associada a essa contiguidade do nome também está a relação de semelhança entre um termo fonte, o

icônimo, a nova forma do nome e o referente. Este tipo de motivação resulta nos processos gramaticais de formação de palavras pela derivação e sufixação a partir da forma primitiva de um icônimo: {*Buriti*} > *Buritinho*, {*Chapada*} > *Chapadinha*.

Motivação baixa (débil?): neste processo de escolha, o tipo de relação entre o nome, o significado, o referente e o icônimo não deixa de ser motivado, porém se dá de forma bastante tênue e é pouco percebido na forma do topônimos. Topônimos como *Buritirana* {buriti}, motivado pela existência dessa espécie de buriti na região, e *Cajapió* {cajá}, *cajá-pyoca*, polpa de cajá, essência de cajá, nem sempre deixam clara a motivação para os falantes da língua.

Motivação nula: este é um momento do *continuum* da dinâmica do nome em que o processo de motivação da escolha sofre um apagamento e o termo criado perde o significado do icônimo, e o tipo de relação entre o nome, o significado, o referente e o icônimo - significante primário pré-existente que ajuda a formar o novo nome – passa a ser despercebido pelo fato de o topônimo já estar em circulação, portanto, já ter sido publicizado e, com o tempo, cristalizado. Na toponímia maranhense, ocorre principalmente com nomes de língua indígena cuja motivação passa, atualmente, despercebida pela maioria dos falantes da língua, como *Araguanã*, nome motivado pela presença do animal arara/papagaio/ periquito; *Arari*, pela presença de arara amarela; *Axixá*, pela existência desse tipo de fruta áspera ao tato na localidade; *Cururupu*, fonte do sapo, *Grajaú*, *carajá-u*, comida de macaco, lugar onde os macacos vêm comer, ou pode ser *carajá-y*, rio dos macacos; *Mearim*, campo pequeno, entre muitos outros nomes em que os utentes da língua não têm consciência do significado desses topônimos por não mais estarem familiarizados com os termos de origem indígena.

Considerações finais

Este artigo discutiu sobretudo a motivação e seus respectivos graus, na nomeação dos lugares maranhenses. Entendemos que a inter-relação entre os topônimos, seus significados, seus referentes e o icônimo realiza-se no nível de categorias cognitivas ou mentais. Assim, o que subjaz linguisticamente a esse processo de motivação na gênese dos nomes são as relações icônicas, metonímicas e simbólicas mediando a gradação da motivação, portanto, esses sistemas.

Propomos um princípio de motivação para os topônimos, em que esta tem a ver principalmente com relações de contiguidade material/factual e de similaridade.

No que se refere à dinâmica da evolução do nome, ocorre uma gradação da motivação em que a transparência se revela sutilmente desde a gradação baixa e se manifesta de forma bastante transparente na gradação alta e muito alta. Assim, a motivação possui realmente papel imanente, fundacional na gênese do léxico. Portanto, o fato mais importante é compreender que ela tem função eminentemente de gênese e não caráter essencialmente funcional. Outro fato a ser considerado é que nem sempre a motivação nos topônimos é transitória. Aliás, esses aspectos motivacionais transparecem de forma bem revelante nesses nomes, deixando-os transparentes, e reafirma o posicionamento de Neves (2015) de que tudo no uso linguístico são escolhas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alinei, Mario. 2004. *L'Origine Delle Parole*. Roma: Aracne, 2009.

Báez, Imaculada. CABEZA, Carmem. MASSONE, María Ignacia. Enhebrando el hilo de lo icónico. (In: SILVA, Augusto Soares. TORRES, Amadeu. GONÇALVES, Amadeu (orgs.): *Linguagem, Cultura e Cognição*. Estudos de Linguística Cognitiva.

Biderman, M. T. C. 1998. *Dimensões da palavra*. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 2, p. 81-118, Araraquara.

Carvalhinhos, P. 2002-2003. *Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória*. Estudo de caso. São Paulo: *Revista USP*, n. 56, p. 172-179, dez./fev.

Castro, Maria Célia Dias de. 2012. *Maranhão: sua toponímia, sua história*. 2012. 474 f. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

Couto, Hildo Honório do. 2007. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus.

Dick, M. V. do A. 1990. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado.

_____. 1992. *Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos*. 3. ed. São Paulo: FFL/USP.

Izquierdo, Aparecida Negri. 2012. A motivação na Toponímia: algumas reflexões. InSella, Aparecida Feola; Corbari, Clarice Cristina; Bidarra, Jorge. *Pesquisas sobre*

Léxico: reflexões teóricas e aplicações. Campinas: Pontes Editores. Cascavel: EDUNIOESTE.

Neves, M. H. M. 2004. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes.

Saussure, F. 1995 [1916]. *Curso de linguística geral*. 20. ed. São Paulo: Cultrix.

Solís Fonseca, G. S. 1997. *La Gente Pasa, Los Nombres Quedan...: introducción en la toponímia*. Lima: G. Herrera Editores.

Ullmann, Stephen. 1964. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.